

## INTRODUÇÃO

As instituições e a sua memória não podem viver fora da reflexão sobre o conhecimento e a sua representação nas línguas naturais. Tornou-se um lugar comum dizer-se que as ideias governam o mundo. As ideias estão nas línguas naturais, o que equivale a dizer que a representação das ideias substitui as próprias ideias. Na história das ideias, da sua construção e representação, a teoria do protótipo pode não representar muito, mas obrigou os filósofos, os psicólogos, a inteligência artificial e os linguistas a repensarem muitas das coisas já tidas como garantidas. Constitui um apelo para novos paradigmas.

O pensamento é uma criatura do homem, mas também o pensamento, uma vez criado, recria e (re)fabrica o seu criador. O pensamento é conhecimento e o conhecimento torna o homem melhor do que ele mesmo, mais culto, mais informado, mais liberto dos “terrores” que o atormentaram no passado. Mas conhecimento sem língua não só não é possível como ainda não é conhecimento nem mesmo pensamento. A modernidade não espera por ninguém. A Linguística Cognitiva é entre nós uma criança.

Houve, em Portugal, uma boa tradição de reflexão sobre filosofia da linguagem. Há, entre os nossos linguistas actuais, uma boa reflexão, dentro de dados parâmetros, num livro que não tem merecido a atenção devida: a Teoria da Linguagem de Herculano de Carvalho. Encontro, a cada passo, pequenas ou grandes reflexões, entre nós, sobre teoria cognitiva: mesmo onde não se espera. Há uma reflexão num dado sentido, por parte dos Colegas que trabalham sobre psicolinguística, no Porto e em Lisboa. Mas por parte dos linguistas, linguística cognitiva temos muito pouco. Temos trabalhos pioneiros, os de Pinto de Lima, de Clotilde de Almeida, de Augusto Soares da Silva, de Hanna Batoréo, de José Teixeira, de Joana Fernandes e Rosa Amaral. Está a decorrer um Mestrado na Universidade Católica (Braga) centrado sobre Linguística Cognitiva. Mas não há muito, se compararmos com o que vai pelo mundo fora: em Espanha há uma associação de linguística cognitiva, na Alemanha debatem com dureza e com paixão a linguística cognitiva, em França houve já alguns congressos para procurar as raízes da teoria, delimitar conceitos e princípios. Quisemos dar o pontapé de saída para uma discussão séria e actualizada desta problemática.

Reunimos, aqui no Porto, as pessoas que em Portugal estão nessa “onda”, rodeando-a de alguns nomes que são autoridade nessa área. Quis dizer aos Colegas de Psicologia, de Filosofia, de Sociologia, de Antropologia (os estereótipos começaram aí), o que estamos a fazer num domínio próximo ao deles. Isto é um começo.

## **1. Alguns dos temas centrais da linguística cognitiva e versados no Congresso**

A linguística cognitiva vem influenciando teorias e métodos de descrição em semântica (Lakoff 1987, Langacker 1987, Taylor 1989, Kleiber 1990, Ungerer /Schmid 1996): qual a **informação semântica** a ter em conta. Poderíamos mesmo constituir como um dos lemas das duas últimas décadas «o protótipo: da psicologia cognitiva à linguística». A noção de protótipo estimulou poderosamente a semântica ao permitir que ela ultrapassasse os limites do imanentismo que caracteriza tanto o estruturalismo como o generativismo. A noção de protótipo provinda da psicologia cognitiva fornece um modelo mais realista das representações mentais que está na base da actividade linguística. Estas representações mentais, ao nível semântico, correspondem em grande parte a categorias cognitivas (Rosch 1973, Fillmore 1975: 123, 128-130; Taylor 1989: 21-98, Kleiber 1990: 21-117) que se baseiam no saber extralinguístico (conceptual e perceptivo), que nem são homogêneas nem estanques, possuindo, pelo contrário, uma estruturação interna que se organiza em centro-periferia; que não se organizam segundo o modelo das taxonomias lógicas. Os diferentes níveis “taxonómicos” não são equivalentes, o que implica um nível de base (sempre preferencial) oposto aos níveis superordenado e subordinado.

Outro dos pontos nevrálgicos da discussão é a inclusão (ou não) do **enciclopédico** na descrição semântica. A semântica estrutural europeia separou teoricamente o conhecimento enciclopédico dos traços semânticos específicos da língua, fazendo destes o objecto do seu estudo. Pelo contrário, a linguística cognitiva privilegiou o conhecimento enciclopédico para a descrição semântica. Há autores que não se preocupam com este problema, outros há que defendem que o conhecimento linguístico é exclusivamente intralinguístico (Langacker e Taylor), Geeraerts dá prioridade ao conhecimento enciclopédico, mas reconhece a

importância dos factos semânticos extralinguísticos, Andreas Blank valoriza o conhecimento enciclopédico para a explicação das mudanças semânticas, mas defende que nas mudanças semânticas funcionam também as constelações semânticas e posição semelhante é a de Gerd Wotjak. Na verdade, parece-nos que não devemos renunciar de modo absoluto à distinção entre os aspectos extralinguísticos do significado e os traços semânticos intralinguísticos. É bem verdade que os traços intralinguísticos não são substancialmente diferentes da informação semântica, mas adquirem um *status* categorialmente diferente, na medida em que reflectem oposições semânticas que em certas línguas são expressos por um só lexema e noutras há o recurso a uma palavra complexa, a uma paráfrase ou mesmo não se realiza (cfr. Koch 1998. 118s.). A maior parte das comunicações ou trata directamente este tema ou faz pelo menos alusão a esta problemática e Gerd Wotjak aborda directamente o problema.

A **linguística histórica** é outra das áreas onde a linguística cognitiva tem incidência. Aliás, entre os pontos mais marcadamente estudados, encontram-se a metáfora, a metonímia, a polissemia, que se situam na interface diacronia-sincronia. Há comunicações que tratam directa ou indirectamente estes problemas (Dirk Geeraerts, Andreas Blank / Peter Koch, Pinto de Lima, entre outros).

A **verbalização** de entidades linguísticas está claramente relacionada com o problema da categorização, a **gramaticalização** e “sintacticização” das categorias (Pinto de Lima, Ana Maria Brito, Clotilde Almeida, José Teixeira, Augusto Silva, Margarita Correia, Lígia Maia). A informação relevante da organização do significado funciona não apenas em categorias – que podem ser estruturadas prototipicamente ou não – mas também em redes conceptuais, em *frames*, *scenarios*, *domains*, dinamismo discursivo (Fátima Oliveira, Fátima Silva). A **Tipologia das línguas** construída a partir do confronto é outra vertente activada pela linguística cognitiva: aqui, com base num quadro explicativo provindo da gramática de valências, questionam-se determinados “frames” enunciativos (García-Miguel).

O **Léxico** tem sido também um dos pontos fortes da linguística cognitiva, problematizando-se novamente as antigas perspectivas da investigação semântica: semasiologia e onomasiologia (para um enquadramento global vide Koch 1996), aliás com uma presença importante nas comunicações apresentadas, embora as designações como tais nem sempre apareçam.

Uma outra noção associada ao (ou complementar do) protótipo, a de **estereótipo**, é a que interpreta o significado lexical com base no conhecimento e na percepção espontânea dos falantes (Putnam 1975), ou a que interpreta muitos dos significados das expressões linguísticas como rotina mental partilhada pelos falantes (Mário Vilela e Ana Maria Brito).

Três das comunicações (Gerd Wotjak, Bernard Pottier e Dirk Geeraerts) fazem, cada um a seu modo e com perspectivas diferentes, uma apresentação global da Linguística Cognitiva.

## **2. Breve apresentação individual (por ordem alfabética dos autores) das “comunicações”**

Maria Clotilde Almeida (*Space-oriented Accustative versus Dative Symbolic Constructions in German and its Portuguese Counterparts: a Cognitive Approach*) toma como tema de reflexão a dupla construção em alemão, em que o mesmo verbo e a mesma preposição podem reger acusativo e dativo e a verificação dos correspondentes em português. Aduzindo possíveis insuficiências de explicações que não tenham em conta a intervenção do enciclopédico, apoia-se na explicação dos diferentes esquemas imagéticos – a dupla relação entre trajector e marco (*trajector* e *landmark*) - que estão por detrás da dupla construção. A contrastividade português-alemão serve também de fundo à explicação imagética.

Hanna Jakubowicz Batoréo (*Language typology and semantic primitive of space: evidence from european portuguese*), com base na “Natural Semantic Language” de Wierzbicka, e, mais precisamente, com base nos quatro primitivos conceptuais que recobrem Espaço, ou seja, Tempo, Existência e Posse, Acção, Eventos e Movimento, e servindo-se ainda do conceito lógico Não-Parte e da noção de Situação de movimento de Talmy, faz o levantamento das possibilidades de realização do ESPAÇO no português europeu. Para poder aplicar os três elementos da proposta de Wierzbicka e Talmy (primitivos conceptuais, universais lexicais e o esquema de uma situação de movimento), embora visando a explicitação das possibilidades de realização do português europeu, socorre-se de outras línguas românicas, línguas germânicas e do polaco para estabelecer universais empíricos no contributo para a construção de uma tipologia. Analisa ainda para verificar a especificidade das línguas, além da noção de Espaço, a Expressão da Existência.

Andreas Blank e Peter Koch (*Onomasiologie et étymologie cognitive: l'exemple de la TÊTE*) caracterizam a etimologia clássica por não irem além da história fonética da palavra e de informações semânticas dispersas, a geografia linguística pela perspectiva exclusivamente onomasiológica, a psicologia gestaltista e a linguística cognitiva por pretenderem atingir os princípios fundamentais da nossa concepção do mundo. Procuram analisar a estrutura prototípica em certas classes referenciais, ou, mais propriamente, a organização em “frames” / “cenários”, trabalhando com o maior número possível de línguas, no caso de PUPILA e sobretudo de TÊTE, verificando a evolução semântica deste último domínio cognitivo (frame), aplicando as tipologias e teorias à mudança lexical (história semântica das palavras), aproveitando onomasiologicamente os dados semasiológicos, indo em busca dos princípios de conceptualização dominantes e as estratégias de expressão preferidas.

Ana Maria Brito (*Structures conceptuelles / structures syntaxiques: quelques réflexions autour du verbe pôr*) parte do princípio de que existem correspondências entre as categorias linguísticas e as categorias notionais ou conceptuais e interroga-se sobre os laços entre essas estruturas: quais são as estruturas conceptuais e como se combinam? Como se articulam as estruturas conceptuais e as estruturas linguísticas? Haverá uma articulação imediata ou mediata? Há coincidência entre estruturas conceptuais e estruturas linguísticas? Qual a relação entre universais linguísticos e estruturas conceptuais?

Margarita Correia (*La construction du sens des noms de qualité en portugais*) estuda o tipo de estruturas com as quais se podem designar “as qualidades” em português: os chamados nomes de qualidade. Esta categoria é constituída prototipicamente por nomes simples, por nomes complexos não construídos e sobretudo por nome deadjectivais. Os outros tipos de nomes de qualidade situam-se na periferia desta categoria. O sentido “predicativo” é construído, apresentando, estas construções, por vezes, também o sentido “colectivo”.

José Maria García-Miguel (*La expresión de actantes centrales en español (romance) y bribi (chibcha): tipología, discurso y cognición*) estuda as relações actanciais nos sistemas nominativo-acusativo e ergativo,

determinando as entidades proeminentes (trajector e “landmark”) (Langacker 1991) e as funções discursivas da ergatividade e da ergatividade oculta. Inspira-se na linguística cognitiva e na linguística funcional tipológica (Lazard 1994). Analisa sobretudo as correlações entre as relações actanciais e a organização do discurso, servindo-se, neste aspecto, da noção de Topicalidade (Givón 1983), aplicando assim as noções de proeminência cognitiva e proeminência discursiva ao espanhol e bribi (língua falada da Costa Rica).

Dirk Geeraerts (*Hundred Years of Lexical Semantics*), autor de bibliografia essencial para o tema da “mudança semântica” (a nível lexical), apresenta aqui a história da semântica lexical compendiada nos seguintes tópicos: “semântica diacrónica pré-estrutural”, “semântica estruturalista”, “semântica lexical generativista”, “semântica lógica” e “semântica cognitiva”. Depois de tipicizar as várias semânticas, distingue as semânticas de pendor semasiológico (a pré-estruturalista) e onomasiológico (a estruturalista) das de pendor simultaneamente semasiológico e onomasiológico, ao introduzir a perspectiva quantitativa na análise. Pondo ainda em paralelo a semântica lexical com as “literary semantics” termina por questionar o problema dos “limits of interpretation” (por ele designados como “Dilthey’s problem”).

Lígia Maia (*Reflexões sobre a alternância locativa no português*) faz uma abordagem sintáctico-semântica dos verbos de alternância locativa procurando demonstrar que o significado dos predicados desempenha um papel importante na expressão sintáctica dos argumentos, impondo-se assim o recurso a teorias que contemplem a componente lexical.

Fátima Oliveira (*Domain restriction, mental models and discourse context*) tenta comparar duas abordagens, tidas como alternativas, de tratamento da semântica de alguns operadores nas línguas naturais: a semântica dinâmica e os modelos mentais. Partindo da distinção da restrição de domínio (“domain restriction”), da natureza pressuposicional da restrição do domínio e da acomodação constante na actualização da informação no discurso, defende que deve ter-se também em conta as inferências contidas no fundo comum dos interlocutores e o sentido (parcial) dos enunciados. Depois de analisar, dentro desta perspectiva, alguns operadores do português europeu, chega à conclusão de que as duas pro-

postas de tratamento – a semântica dinâmica e os modelos mentais - devem ser tidos em conta na descrição semântica dos referidos elementos. A psicologia e a formalização são vias compatíveis.

Bernard Pottier (*Le Temps, l'Espace et les autres dimensions cognitives*) procura pôr mais verdade na datação da chamada “revolução cognitivista” e sintetiza as suas propostas expostas em vários trabalhos no campo da representação cognitiva através das cinco dimensões semânticas – as Entidades e o seu Comportamento, o Enunciador (e a sua capacidade modalizadora), e (as relações instanciadas em ) o Tempo, o Espaço, o Nocial. Compara o seu esquema com o de Jackendoff e com o de Langacker, aduzindo alguns parâmetros aferidores da adequação das várias propostas.

José Pinto de Lima (*Neither by metaphor nor really by metonymy. The Shortcoming of these Concepts as Explanatory of Language Change Processes*) analisa a passagem do verbo pleno do ingl. GO, exprimindo a “deslocação de um agente a partir de um lugar”, para o seu uso para exprimir o “futuro”, a gramaticalização (de *be going to*). A interrogação central da comunicação é saber se se trata de um processo metafórico (o movimento a partir do falante projecta-se no tempo e torna-se futuro: «Time is Space») ou de um processo metonímico? Por outras palavras, é a metaforização do movimento ou o contexto metonímico que explicam a passagem da ideia de movimento para a de futuridade, ou ainda os dois processos estão implicados? Isto é, três dos temas centrais da linguística cognitiva, a metáfora, a metonímia e mudança de significado (gramaticalização: generalização) são aqui postos em análise.

Graça Pinto /João Veloso / Maria João Moura (*A brief approach to European Portuguese lexical terms connected with the process of knowing: Evidence from children's and adults' oral productions*) centram-se no domínio lexical constituído por verbos que exprimem «(the) ways of knowing or coming to know something», isto é, verbos que estão relacionados com dados perceptivos ou com dados conceptuais e lógicos, partindo do pressuposto de que a aquisição da linguagem está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo. Esta hipótese aparece confirmada no final do estudo. Discutem também problemas como a relação

entre a linguagem e os aspectos figurativos das funções cognitivas, as capacidades cognitivas em tópicos como expressões locativas e espaciais, expressões das relações causais e das relações temporais, etc.

O estudo do uso de verbos cognitivos sob pontos de vista bem diferenciados representa um contributo para a elaboração de uma teoria do conhecimento no português europeu. Além disso, o estudo dos verbos mentais, dada a sua importância, permitiu testar, comprovando ou invalidando, algumas das experiências feitas nesse domínio para outras línguas.

Augusto Soares da Silva (*Metáfora e conceitos permissivos e proibitivos*) procura mostrar que a semântica dos verbos auxiliares modais se fundamenta em esquemas imagéticos de forças e barreiras e na metáfora. Aplica assim a base “imaginativa” e metafórica à explicação da semântica dos verbos permissivos e proibitivos do português. Neste enquadramento apresenta três esquemas imagéticos semasiologicamente correspondentes a três sentidos do verbo *deixar*, sendo depois estes três sentidos semasiológicos organizados onomasiologicamente em três grupos de verbos permissivos e proibitivos. Apresenta seguidamente uma justificação diacrónica demonstrativa da estrutura metafórica destes verbos. Como síntese desenha a proibição e permissão dentro do modelo social.

Fátima Silva (*A dimensão cognitiva na anáfora associativa: um exemplo*) põe em causa o mecanismo cognitivo activado pela chamada “anáfora associativa” e a sua incidência discursiva. A anáfora associativa, baseando-se numa relação de não correferência e portanto na inexistência de identidade lexical com o antecedente, consiste numa relação de hiponímia ou meronímia, manifestada por substituições lexicais do mesmo campo lexical associativo, a chamada referência indirecta. A A. acentua a natureza desta anáfora como categoria de configuração discursiva conceptual ou nocional. A sua interpretação é feita com base no saber partilhado pelos falantes acerca das coisas, conhecimento esse pré-inscrito no léxico, os estereótipos e a explicação através da noção de protótipo que é activado discursivamente por meio de inferências.

José Teixeira (*Modelos cognitivos e orientação intrínseca dos objectos*) parte dos pressupostos de que a referencialidade espacial é uma evidência («referir é localizar») e de que o espaço das coisas não é o es-



paço ocupado, mas é o espaço que constitui as próprias coisas. Procura deste modo definir a “frente” e o “detrás” de um objecto. O tema é mesmo o tratamento dos objectos com orientação própria: «os objectos intrinsecamente orientados». Quais os elementos intervenientes na definição da orientação dos objectos: semelhança com o ser humano, ou o elemento movimento? O A. defende que o elemento definidor da orientação dos objectos é a “interface funcional” interagindo com o ser humano. Procura sobretudo mostrar quais são essas formas de interacção.

Mário Vilela (*O seguro morreu de velho: contributo para uma abordagem cognitiva*) parte do princípio de que cada palavra arrasta consigo a sua interpretação e a palavra activada em discurso situa-se no seu “cenário”, no seu “script” e desde logo tem um sentido actualizado. O estudo da palavra *seguro* é feito por aproximações ao que se poderá considerar o seu sentido prototípico, construído por meio de “predicados” ou semas explicativos paradigmática e sintagmaticamente perspectivados, pelas suas expansões metafóricas e metonímicas e sobretudo por meio de outros “topoi”, à luz da sua inserção num provérbio que é explicitado por outros provérbios. E aqui entra-se sobretudo no domínio do estereótipo, em que o significado se funda tanto no conhecimento partilhado como na percepção espontânea. Chega-se a uma (in)conclusão: estaremos perante uma categoria lexical, uma categoria conceptual ou uma categoria de objectos? O mundo real, o mundo das palavras e o mundo cultural são equivalentes?

Gerd Wotjak (*Acerca de la relación entre significado (verbal) y conceptualización / cognición*), cuja obra tem percorrido os principais temas da semântica lexical (e não só), faz um levantamento de alguns dos grandes temas desencadeados pela linguística cognitiva em termos de descrição linguística e de métodos de descrição semântica, em que os aspectos mais salientes são a confrontação entre o significado léxico sistemático e a configuração cognitiva micro-estrutural por um lado – em que admite possíveis coincidências – e as respectivas macro-estruturas semânticas sintagmáticas – em que aceita ainda maior possibilidade de coincidências. Admitindo muito embora uma influência mútua entre a língua e a cognição (e respectivas configurações cognitivas) recusa a explicação total das estruturas cognitivas pela língua e vice-versa.

Fillmore, Charles J. 1975 – “An alternative to Checklist Theories of Meaning, in: *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 1, 1213.131.

Georges Kleiber – *La sémantique du prototype*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990

Givón, T. (ed.) (1983) – *Topic continuity in discourse. A quantitative cross-language study*, Amsterdam: John Benjamins

Koch, Peter – “La sémantique du prototype: sémasiologie ou onomasiologie?”, in: *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, Bd CVI, H. 3, 1996: 223-240.

Peter Koch – “Le prototype entre signifié, désigné et réfèrent”, in: Hiltraud Dupuy-Engelhardt (ed.) – *Questions de méthode et de délimitation en sémantique lexicale*. Reims: Presses Universitaires de Reims. 1996, 113-135

Lakoff, George – *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago etc.: University of Chicago Press

Langacker, Ronald W. – *Foundations of Cognitive Grammar*, 2 volumes. Stanford: Stanford University Press. 1987/91

Lazar, G- (1994) – *L'actance*, Paris: PUF

Rosch, Eleanor H. 1973 – “On the Internal Structure of Perceptual and Semantic Categories”, in: Moore, Timothy E. (ed.) – *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 11-144

Taylor, John, R. 1989 – *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford, Clarendon

Ungerer, Friederich and Hans-Jörg Schmid 1996 – *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London / New York: Longman, 1996

### **3. Agradecimentos:**

– à Faculdade de Letras e pessoalmente ao Presidente do Conselho

- Directivo pela disponibilização de espaços e de pessoas e o apoio para a publicação das Actas;
- à Fundação para a Ciência, o apoio múltiplo que nos concede, e indirectamente à Secção de Projectos da Fac. de Letras da Universidade do Porto;
  - à Universidade Católica (Braga) pelo apoio e sobretudo pela disponibilização de um dos seus Docentes, o Prof. Augusto Soares da Silva;
  - ao CLUP, como Instituição, pelo acolhimento que lhe mereceu a minha proposta de realização deste Encontro, aos Colegas que tomaram parte com Comunicações e participação nos Debates;
  - aos Colegas das Universidades de Lisboa, pela participação activa e, de modo especial, à Prof<sup>a</sup> Clotilde Almeida pela ajuda na Coordenação do Congresso;
  - ao Instituto Francês do Porto, pelo apoio e pela maneira como responde sempre às nossas solicitações;
  - ao Dr. Pedro Sampaio que colocou ao nosso dispor a sua experiência nestas coisas;
  - à D<sup>a</sup>. Rosa Deolinda pelo seu cuidado e contínuo vai-vém na procura de colmatar lacunas e prever eventualidades;
  - a todos os Intervenientes, sobretudo os Colegas vindos de França, Alemanha, Bélgica e Espanha;
  - a todos os Congressistas, agradecemos a resposta ao apelo do que supomos ser uma afirmação da modernidade.

Mário Vilela e Fátima Silva